

O HOMEM DA NAVE

AQUILINO RIBEIRO

O HOMEM DA NAVE

Serranos, caçadores e fauna vária

Prefácio de
ÁLVARO DOMINGUES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

O REBELDE CRÓNICO

Nos tempos em que teima em persistir um certo desencantamento acerca da imagem que os portugueses têm de si e do país, não podia ser mais oportuna a reedição desta obra de Aquilino Ribeiro. Não por qualquer nostalgia romântica acerca das narrativas do nacionalismo exacerbado que pretendiam ficcionar no povo camponês toda uma mitologia feita de arquétipos que reuniriam a genuinidade do povo, o sangue e o terrunho da pátria. É exactamente porque não é essa a visão de Aquilino que, mesmo quando se aproxima dessas metafísicas, logo trata de clarificar antídotos poderosos sobre a realidade da sociedade portuguesa da época e o mar de dificuldades em que vivia a maior parte dos portugueses mergulhados num país rural, arcaico, pobre e visto pelas elites com um misto de sobrançeria e ocasional simpatia e espírito paternalista pela alma das criaturas simples e pelos seus curiosos costumes e visões do mundo.

Ao contrário da falsa etnografia que servia o regime de Salazar com representações adocicadas e folclóricas do povo ao jeito de António Ferro e da propaganda tóxica do Serviço Nacional de Informação, a ficção literária de Aquilino assenta numa visão profunda enquanto observador e estudioso da condição camponesa. Basta estar atento ao desfilhar das personagens de *O Homem da Nave* que percorre toda a paleta que vai da pura malvadez à inocência, dos saberes práticos de todos os dias, ao conhecimento do mundo, da astúcia à sensatez, do embrutecimento, à sensibilidade pelas coisas naturais e sobrenaturais.

Desde Rousseau, a J. Gottfried Herder (o inventor do *Volksgeist*), aos irmãos Grimm e a toda a geração do romantismo, o povo

foi sendo reinventado enquanto entidade real/imaginária, enquanto camponeses simples e jardineiros da paisagem, sabedores dos segredos da natureza, guardiões da alma da nação e de coisas preciosas e puras em tudo diferentes da artificialidade e dos vícios da civilização e da cidade. Como escrevia Jules Michelet¹, o povo simples (mas não simplório) seria rico de sentimentos e de bondade do coração, dotado de espírito de sacrifício e de amor pelo outro, de força, de tenacidade, de generosidade, de prudência, de virtude, coragem, trabalhador, esforçado, sofredor, heróico, altruísta, dedicado à comunidade, à família, ao amor à pátria.

Estes são, basicamente, os fundamentos da mitologia romântica e luminosa dos campos, dos camponeses e das aldeias. Esta «descoberta do povo» pela alta cultura mitificou o «primitivo», o «comunitário», a associação da ruralidade com as «identidades nacionalistas» e os seus territórios. O *genius loci* é a expressão dessa trilogia onde coincidem, a terra, a língua, a tradição, a identidade, a espontaneidade, a raiz, a alma de um povo..., os camponeses.

Era assim que em meados do século XIX, Feliciano de Castilho cantava esta elegia dos campos e do povo camponês: «...o Campo é o solo da pátria: é o único mister, para que ainda nos restam braços, instrumentos, forças, e liberdade; é o único labor, em que nenhuma inveja estrangeiras perigosas hão-de vir perturbar-nos».² Quase ao mesmo tempo, Karl Marx pensava que os camponeses eram apenas um anacronismo pré-moderno de onde não sairia qualquer impulso de emancipação social: «a grande massa da nação francesa é, assim, formada pela simples adição de grandezas homólogas, da mesma maneira que batatas dentro de um saco formam um saco de batatas»³.

Desde a invenção moderna da cena campestre e das éclogas do bom povo, que cresceu ao mesmo tempo a outra face, a populaça, a massa, a multidão, a turba e o campónio bronco a cheirar a vinho. Como o camponês era analfabeto e não se escrevia a si próprio, alguém por ele o fazia, mais preocupado em encontrar aí uma justificação ou argumento para uma coisa qualquer, do que verdadeiramente interessado no conhecimento da condição camponesa. Em Portugal, o campo era sobretudo um exercício diário da economia da escassez; tudo se aproveitava, de tudo se fazia qualquer coisa,

compensava-se aquilo que a tecnologia não permitia (porque não havia ou estava injustamente distribuída), por um saber profundo acerca das bondades e das maldades da natureza e organizavam-se proissões para que chovesse ou para que o gado não morresse. Bruxas, santos e demónios partilhavam as encruzilhadas da vida e dos caminhos. Para o poder, o camponês era trabalho, carne para canhão, dí-zimos, décimas e cõngruas para os cofres da fé ou da fazenda.

É exactamente na literatura e em autores como Aquilino Ribeiro que encontramos toda a riqueza e contradição da visão culta do universo camponês, as suas luminosidades, o seu poderoso imaginário, os seus atavismos e brutezas, mas também os retratos cruéis da miséria ou da violência. Entretanto, emigrou-se maciçamente e os campos foram ficando cada vez mais esvaziados. Até hoje e até que termine o longo ciclo da agricultura de subsistência e dos escravos da terra.⁴

Em vez das pantominas de agora sobre a reinvenção de um mundo rural para fins-de-semana distraídos, espaço verde, desportos radicais, gastronomia de autor, turismo rural e aldeias típicas em formato de parque temático — ou, como escreve Aquilino, *os automobilistas que correm as estradas de montanha com suas filhas louras ou de um louro quimicamente puro, com as suas mulheres de feios óculos que desfeiam a paisagem...*—, mais vale ler a longa carta da Ludovina de Jesus para uma santa filha que foi para o Brasil, e deliciarmo-nos com a história da vaca *Brumelba, que tinha o diabo no corpo, que é esparvadiça, e estraga a paciência a um santo*. No surpreendente português da serra da Nave composto pela maestria de Aquilino, é como entrar na realidade mágica que a ficção consente.

Junto com esta condição humana onde não há mundos perfeitos e também não cabem só desgraças, era necessário novamente que algures numa serra, na Nave ou num navio, *se criasse outra vez o rebelde crónico e o lobo sem coleira*; qualquer coisa que acuda a esta vertigem da aldeia global transformada em selva (global).

ÁLVARO DOMINGUES

¹ Jules Michelet (1846), *Le Peuple*, Paris, Comptoir des Imprimeurs-Unis.

² António Feliciano de Castilho (1849), *Felicidade pela Agricultura*, Typ. Ponta Delgada, Da Rua das Artes, 1849, p.21.

³ Karl Marx (1851/52), *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*, Capítulo VII.

⁴ Álvaro Domingues (2012), *Vida no Campo*, ed. Dafne, Porto.

INTRODUÇÃO

As serras em Portugal nem sempre conservaram o nome primitivo. Crismaram-nas os geógrafos. Ao arbítrio umas vezes, outras por ignorância, comodidade ou ao desenfado, como aqueles capitães britânicos que do tombadilho da sua escuna foram sacrilegamente pondo nomes a angras, portos, promontórios e terras da Costa Africana, já baptizadas pelos primeiros descobridores, os portugueses. Escreve Paul Choffat em *Notícia sobre a carta hipsométrica de Portugal*, Lisboa 1907: *Se os maciços montanhosos mais importantes têm nomes que os abrangem na sua totalidade, não sucede o mesmo com os maciços de segunda ordem, que muitas vezes não têm nomes senão para os pontos culminantes principais. [...] Se queremos falar de orografia, vemo-nos forçados a procurar designações locais, com risco de contrariar o uso dos habitantes da região restrita.*

Mais adiante: *Quando as encostas dum monte pertencem a diferentes freguesias, os habitantes dão ao monte o nome respectivo de cada uma delas. Estes montes têm pois vários nomes, salvo o caso em que o ponto culminante seja coroado por uma capela ou por qualquer outro monumento que lhe impõe o nome.*

E na mesma ordem de ideias acrescenta: *É sempre estranhável aplicar ao todo o nome de uma parte, mas temos de concordar que esta prática é às vezes inevitável. Por motivo análogo, devem preferir-se os nomes que não sejam tirados de localidades, como por exemplo Serra Amarela, em vez de Serra do Soajo ou Serra do Lindoso.*

Uma das serras do maciço, que o notável geólogo denomina galaico-duriense, padeceu precisamente destes avatares onomásticos: a Serra da Nave. Relevo oblongo e alto de mil e tal metros, encontra-se nas cartas tirando uma linha dos Hermínios para o Marão.

Os geógrafos antigos apresentavam-no mesmo como um dos contrafortes da cordilheira. Na região, porém, predomina a todas as demais elevações a cumeada estiradíssima dos Hermínios, acerca da qual se lê na *História Seraphica* este período de poético assombro: *Se levãta hũa serra sobre todos os mais montes, cõpetindo con as nuvens, se não he co as estrellas*. Para os geógrafos da actualidade, o Marão é que já não é o que figurava. Baptista de Castro:

Esta serra é uma união de montes altos que se vão abraçando uns aos outros. Consente que o Rio Douro a atravesse e, posta já na Província da Beira, se chama serra de Almofala, Monte de Muros, serra do Touro, serra de Pera, serra de Fráguas e Manbouce, de Besteiros, do Cântaro, de Miranda, do Espinhal e Montes de Penela, onde se une com a serra da Estrela.

A corografia entre nós tem passado pelas mutações mais desvairadas, porventura obra de capricho, se não versatilidade de critérios, tanto elevando uma montanha à categoria de sistema orográfico, como rebaixando a cordilheira à ordem de eminência singular. Ocorreu este fenómeno de nomenclatura com a dita serra da Nave que formada pelas subserras de Almofala, de Touro, de Pêra, de Co-ta, de Fráguas, mencionadas por Carvalho da Costa ou Cardoso, foi investida nos mapas elaborados depois de 1860 com o nome de serra de Leomil, uma das suas componentes.

Se Leomil é com mínimas variantes na *Corografia Portuguesa*, no *Mapa de Portugal*, e particularmente na *História Eclesiástica de Lamego*, de Joaquim de Azevedo, assim descrita: *terra sadia, de bons ares, cercada de montes de Norte a Sul, chamados da Pena e Lobagueira, com muita caça, perto da serra da Nave...* só por uma das razões especificadas em Chof-fat, veio a dar o nome ao maciço.

O crisma data do dia em que, sob a direcção do engenheiro Filipe Folque, os irmãos Costas Perry, procedendo ao levantamento da carta geodésica, içaram no topo mais alto o marco branco que o povo ficou a chamar *talefe*. Mal informados ou à laia de homenagem para com a localidade que os agasalhou, promoveram a denominação particular a genérica, passando a figurar nos atlas e publicações oficiais. Mas nunca perdeu o nome que tinha, tanto para as localidades circunscritas à zona montanhosa, como para os mais lugares e a própria cabeça do Concelho. Os autores modernos, que se ocuparam da comarca, Leite de Vasconcelos, Vasco de Almeida Moreira, Manuel

Fonseca da Gama, A. de Almeida Fernandes, António de Andrade, sem falar em Pina Manique e Albuquerque, geógrafo, etnólogo e campeão estrénuo da Beira-Douro, serra da Nave preferentemente lhe chamam.

E de resto mais lógico, além de condicente com a tradição. Não faz sentido que os montes que estão ali *ab imo*, isto é, desde a formação tectónica, só tenham adquirido nome com as povoações que se formaram na sua área dentro já da cronologia histórica. Não tinham nome até então? Não se conservou memória dos povos circunferentes? A terminologia geográfica entre nós é de origem assaz confusa e controversa. Na sua maioria, provavelmente, é no euscara, a língua dos hispanos, que devemos procurar-lhe os étimos.

Ora, remontem muito embora as aldeias ao período romano, visigótico, ou ainda à época indecisa proto-histórica, sequente às citânias, os montes quando corridos já pelo homem prelevam-lhes de muitos séculos. Careceram sempre de nome? Não se admite. A forma de reconhecimento topográfico estava no seu designativo, ainda mais para populações nómadas. Desde que soube usar da palavra, o homem baptizou lugares, coisas, pessoas. Assim se infere ao simples conspecto da língua tupi, rica de glossário toponímico. E, note-se, era de tal ordem o atraso mental dos índios que ignoravam a roda, quando os bandeirantes entraram por seus aldeamentos. Na maior parte dos casos as serras tinham nome, embora lhes ignoremos ao certo a procedência, como este de serra da Nave.

Segundo, porém, a linguística nos permite conjecturar, já assim se chamaria antes do primeiro íncola erguer a sua tenda no lugar pitoresco onde hoje se espraia a localidade de Leomil, embora a segunda na ordem de importância do Concelho, que foi vínculo dos Marialvas, pátria do grande Magriço, e ultimamente dos irmãos Pava Gomes, figuras de relevo desta província, amantes e leais entre si como os quatro irmãos Aymon.

Parece que *nave* em euscara significa planalto, e o maciço de que tratamos bem merece o título pela sua configuração: alto, arredondado e plaino, o prolongamento em verdade da meseta castelhana através das serras da Lapa e da Marofa. Sempre que aparece tal

designativo, é aplicado a platô, seja Monte das Naves, Nave de Cima, Nave de Baixo, Nave Fria e ainda Vila Franca das Naves. Quanto à serra da Nave, aldeias bárbaras e truculentas — palhoça de juncos e tamancos com testeiras de ferro — vivem nas suas faldas e contrafortes: cultivando o centeio, esborrachando o coelho à mocada e pescando por todos os processos, desde o trovisco aos pardehos, a boga e a truta nos regatos e pegos. Para o cume da serra, onde o marco geodésico acusa os seus 1110 metros de altitude, a vegetação predominante é a urgueira, de que o indígena extrai o carvão para as forjas, e o mato galego, em que entra toda a casta de arbustos, sargaço, feito, carpanta, bela-luz, rosmaninho, esteva, etc., etc. Estas plantas estão ali desde o tempo das cavernas e acusam proporções inusitadas. Uma haste de carqueja chega a medir mais de dois metros de altura. A terra é negra, terra de cobras lhe chamam, decerto feita de toda a espécie de detritos vegetais, a começar pela moinha da urze e do tojo, e provavelmente da pulverização de moitas de carvalhos e de castanheiros que nos antigos tempos cobriam os cerros. O certo é que o nosso avô troglodita morou e passeou nestes andurriais, haja em vista as orcas que se encontram aqui e além, e depois dele o efêmero habitante dos castros e citânias, dizimado pelos romanos e acabado de cilindrar pela irrupção visigótica.

Hoje tudo ali é ermo e raso como a palma da mão. O maciço pesa nas aldeias, que se encovilaram nos fundões e ravinas, com a sua imensa e bruta cúpula, e dos seus flancos brotam corgos e regatos, ágeis como esquilos, de uma pureza cristalina. Apenas uma aldeia, das aldeias mais estranhas do distrito, negra como um *keral* e povoada como um formigueiro, consegue manter-se no belo âmago deste descampado, com suas hortas cercadas por paredes que são renda, e as suas courelas de pão e nabal adormecidas sob a neve: Alvite. Populosa e grulhenta, os alvitanos sulcam os caminhos e estradas da região, bufarinhando a veniaga. Tudo lhes serve para mercadejar, desde a cravagem do centeio à canastra da sardinha que vão buscar à Régua *pedibus calcantibus*. As mulheres são pequeninas, morenas, de feições delicadas, e casam a partir dos doze anos. Os alvitanos primam por desembaraçados e moirejadores, e só têm por pecha assinalada serem pouco escrupulosos nos negócios e por dá cá aquela palha puxarem da faca ou do revólver.

Neste sertão tão pouco espectacular e desolado da serra da Nave, uns homens raros e temerários vieram um dia com os seus tractores, os seus *catterpillers* Diesel, as suas charruas e grades de discos. E, muito provavelmente a primeira vez depois que o Mundo é Mundo, lavraram o solo adusto, o solo baço, não caldeado do suor do homem, numa longa área, onde apenas de Inverno se ouviam os lobos uivar de altinho para altinho a combinar a sua táctica de bandoleiros, e nas noites de luar as lebres dançavam nas panasqueiras.

As aldeias serranas Alvite, Carapito, Aris, Semitela deitaram às gargalhadas. Por pouco não se ouviam os ecos dos valeiros repercutir o riso sardónico, o riso alvar das mandíbulas desdenhosas. Ali batatas!? Esse manjar que vai à mesa dos reis, tão adstringente e nutritivo, tão democrático mas delicado, poderia produzir-se no meio das fragas onde só medra a sarça e o tojo alvarinho?!

E, ó milagre, os tubérculos maravilhosos germinaram, deitaram para fora do solo inóspito suas orelhinhas de gato, que só o não parecem de todo pelo belo tom esmeraldino, retoçaram, altearam-se e, em regos simétricos nas longas vessadas, deram a impressão das vagas de um mar roleiro soprado pelo velho amigo Bóreas. Aos cépticos inteligentes foi dado o prazer inefável de contemplar uma destas glebas floridas. A polvilhação branca por cima do verde compacto tinha o seu quê de bucólica muito original e intraduzível, miríades de borboletas pairando por cima dum lago, ou uma neve irisada e fátua a derreter ao Sol.

E aqui está, o alto da serra da Nave, a parte desabrida, calva, mais aviltada porventura da Beira, a desentranhar-se em bons e salutareos frutos. Ninguém o havia de dizer. É verdade! Aquela sala de bailar dos ventos; coreto tenebroso de lobos; chãs surradas onde as lebres estafavam os cães e a comadre raposa vinha impavidamente derriçar o galinhame surripiado aos poleiros de Carapito e Alvite; ermos onde aprazia sonhar o avô dolménico abatendo o urso com o tanchão de uma árvore; esplanada onde rezam que se concentrou o exército de Almançor antes de se desdobrar pelas terras fartas e risornhas do Sul — perderam a poesia heróica do bravio, do matagal edénico, da fauna indómita, para se tornarem numa imprevista, gorda e fecunda veiga californiana.

*

Esta serra todavia é bem diferente das demais serras de Portugal. Daí o homem também ser muito outro. Mas na variedade reside, se não beleza, carácter. Quando se olha do alto duma das serras nortenhas para as outras, por exemplo, da chapada nuclear da Nave, figuram todas elas, agachadas ou soberbas na linha do horizonte, imensidades esforçadas dum *carroussel* que se fartou de andar à roda e estarreceu. Aquela a Sul, mais dominiosa, é a serra da Estrela; a Norte, tão grande bruteza é o Marão; os fundos teatrais são Caramulo a Oeste e Montemuro a Noroeste. Olhando bem, qualquer delas, para lá do retesamento articular, apresenta fácies próprio, inconfundível. O arcabouço mais robusto e arqueado pertence à Estrela. Suponha-se uma gigantona jacente, com a Guarda à cabeça, envolta numa *écharpe* vaporosa. Mas dali até Seia, cujas lactescências eléctricas cintilam nos longes das noites diáfanas, a sua troncatura reveste-se das cores mais inverosímeis do espectro. O roxo é a tinta comum. Embora ingrata como é, deixada pela piedade à túnica do Senhor dos Passos, sublima-se dum matiz tão fluido que, de elegíaca e dolente, se torna perturbadora e quase sensual. O azul terno é outra tinta de que se paramenta, azul transparente e cristalino como certas águas marinhas vistas de alto, e através dele se não se avistam caçadores nas devesas e pastores de chapelão, ao ombro a manta herdada dos zamoranos, ladeados dos cães, os mais dignos cães do globo, é porque andam na vertente oposta ou se acolheram à sombra das penhas.

A serra da Estrela é uma personalidade. Descobre-se à distância de trinta léguas. Caminha-se para ela e fica sempre a mesma, altiva, remota, coberta com manto real. Subitamente, quando se vem do Norte e se passa Abrunhosa, onde se sumiu a serra? A serra lá está verdejante, salpicada de lugares claros, serzida de estradas, ostentando seus arvoredos de altitude, mas nós subimos com ela, montados na sua cernelha. É-se como um mosquito no cavaleão que nos leva.

Quando se trepa para a lagoa dos Cântaros, pelo caminho de Seia, nos confins baços a Norte avista-se a Nave que pouco a pouco se vai alteando até configurar uma enorme almofia emborcada, com

covilhetes à roda, as serras de Santa Helena, de S. Macário, do Roboredo, da Padrela, tais bonzos acorados. Mais à retaguarda, escarpado, torvo e compacto, o Marão; à mão esquerda, o Caramulo, sob a luz do meio-dia mais envernizado que uma faiança mudéjar.

Se a Estrela mostra cara dolorosa, humanizada, aos olhos líricos, o Marão arremete, dentuça para o mundo, como um mastim em cólera. Nesta serra com as suas aduelas de fero granito não mete a erosão mais o dente. A cordilheira retorta e enrodilhada, vista a horas crepusculares, é de se lhe tirar o chapéu. Não assombra apenas, atemoriza. É uma concreção de medos. Sabemos que naquela sua vertente Sul não há sequer poviléus, ou se há, estão engravitados às rochas, hirsutos e frenéticos, que não tiveram ainda tempo de respirar. Como treparam para ali? *Grande é o Marão e não dá palha nem grão.* Qual, o Marão dá tudo, e tem tudo, águias e poetas. Não se formou à sua sombra a alma de Pascoais? Esta serra mostra realmente uma fisionomia revel, zangada com as estrelas, escapa à bondade divina, diferente das outras. A cólera telúrica fartou-se de esculpir carantonhas espectrais naqueles morros de pesadelo, nas ribanceiras sobrepostas a abismos rugidores, cólera essa que em Montemuro se revelou soberba mas não feroz. Quando bate o sol na falda oriental desta serrania, dir-se-ia que por ela escorre azeite e mel. E não, é terra brava, de lobos e homens desatinados. Em contraste, a paisagem touca-se ao longe de todos os tons duma bucólica plácida. Pelas encostas, a pique para o Paiva, dependuram-se aldeias montesinhas, que andam há séculos a demolir a escarpa de rocha e saibro, da pedra a fazer terra, e nunca mais acabam em seu fadário. E rodando sobre a esquerda que se depara o Caramulo, levemente róseo, com linhas nítidas contra o fundo azul, longe e parecendo tão perto que por pouco se não logra conversar com os serranos.

O panorama fundeiro dos horizontes é duma riqueza inesgotável e sempre nova. Gustavo Doré ficaria enamorado daqueles planos revoltos, sobrevoados de florestas de nuvens, pois decerto suplantam os céus que o seu lápis fantasiou no *Paraíso Perdido*. Mas nem tudo, quando se relanceiam olhos dos cimos da Nave, é drama. Além reluz uma empena: Santo Antão, advogado dos animaizinhos domésticos; acolá fora, um dardo de brancura despede-se da capelinha

da Senhora do Pé da Cruz, em Sernancelhe; a Virgem inconsolada da Lapa reverte sobre os homens o refrigério de suas lágrimas. Mais perto, o Senhor dos Aflitos é como uma pomba que poisou entre pinhais. Santa Helena no caminho para Lamego, a Senhora das Necessidades na linha de Trancoso, e, a dobrar para o Vouga, a capelinha do Santo Mata-Vacas, pequenina e lendária, a emergir da serguilha do mato galego — santificam a extensão.

Estas serras do Norte são em geral de aparência rebarbativa. Parece que estão ali a revessar a filúcia e arrogância hispânicas dos defensores de Sagunto e dos feros homens de Covadonga. Mas, à medida que se desloca o posto de observação, mudam elas de carácter. O Douro, visto do alto de Armamar em fins de Agosto, é uma deslumbrante e prodigiosa preia-mar de verde. Já o mesmo Douro, quando se desce de Tabuaço, com as suas serrilhas a Nordeste, reveste um ar de grandeza atónita, bela e heróica sinfonia dum fim de mundo. Marcha-se para Sul, e estas linhas bravas, desarticuladas, amaciam-se.

As serras da Lousã são como pacíficas hordas que largaram de jornada com um alforje arredondado às costas. Não vão coleando umas às espaldas das outras, mansa e ordenadamente, sem cansaço, inveja, ou pressa de chegar?

Terra de planície e montanha, por excelência, é Portugal. Mais montanha ao Norte, mais planície ao Sul, com a superação representada pelas serras acima do solo planificado deverá a sua área aumentar de muito. Qual seja esse acréscimo — na nossa parte da pele do boi por que Du Val, geógrafo do rei de França, figurava a Península depois de desengelhada e estendida — ignoro-o, como ignoro igualmente se a geodesia estaria habilitada a responder a uma pergunta destas, mesmo que aproximadamente.

Montanha e planície são os acidentes corográficos que melhor caracterizam um país e imprimem feição especial aos habitantes. Poderá dizer-se que o serrano se distingue do homem da planície, como a flora da altitude da flora do nível do mar? Suponho que seria, ir muito longe, ainda que se tomassem dois íncolas aborígenas,

agarrados ao solo como as fragas. Com o volver das idades e a intercomunicação, a morfologia dum e doutro por certo foi perdendo bastante do que tinha de próprio. Inversamente, pode formular-se que, à medida que se remonta no tempo, mais a diferenciação entre os dois tipos se deveria acentuar e definir. É de presumir que, a determinada altura cronológica, se esbarre com a raiz desta bifurcação. O homem veio da montanha para a planície, o que equivale a dizer que no serrano está o nosso antepassado, à altura do eneolítico pelo menos. Mas toda a pré-história é uma fosforescência em lousa escura, e temerário seria afirmar sobre os Evangelhos que foi de tal ou tal sorte.

As nossas serras, para trás de turdetanos e vetões, deviam ser muito outras do que são na actualidade. A maior parte das vezes o fraguado é a forma ulterior que insculpiu a erosão na face dos montes, em seguida ao desnudamento vegetal. Da carcaça que apodrece ao ar livre perduram ossos brancos, lisos e inúteis. Assim das serras da Peneda, da serra da Arga, da serra da Pedrela, da serra de Santa Helena e dos Candeeiros — que tenho nos olhos de tantas vezes que passei no seu horizonte — os píncaros esqueléticos, disjuntos, derramam uma expressão de descarnamento tão melancólico como desolador, mormente quando os banha o luar ou um baço crepúsculo.

A montanha foi muito tempo o solar do homem primitivo, vagabundo relapso sem outra telha que o céu estrelado. Ali viveu séculos e séculos entre robles frondosos, castanheiros que lhe davam boa sombra e castanhas, esfomeado crónico, mas livre. Um dia empurraram-no para o vale, onde era menos perigoso e onde podia prestar serviços, extraíndo a cassiterite das minas, e o castelo dos altos ficou ao desamparo. O penedal é a ruína palacega da montanha.

Aqui, além, resistindo ao desfeiteamento geológico, subsistem nos picotos a orca, ou aposentadoria do clã, o castro que era a aldeia fortificada, e a citânia, rudimento da urbe. Avalie-se pelo Sabroso e Santa Tecla. No Sabroso terão, vamos, a Braga de hoje, e em Santa Tecla, Paris, a *Ville Lumière*. Ali, de facto, já as ruas obedeciam a determinados princípios de alinhamento, entremeado o edifício orbicular do edifício de cunhais, e a água conduzida para fontanários próprios, posto que grosseiros. A orca, com a sua cobertoira monolítica

e a crista dos esteios a emergir da mamoa de terra, perdurou jacente em pleno ermo à semelhança dum cogumelo colossal.

O homem quando desceu para os plainos não o fez: voluntariamente, repetimos, nem duma vez por todas. Nunca o abutre trocará os cumes desertos e nevados pelos vales ainda que ubérrimos. Para aqueles vai todo o seu apego. São as mil vozes aliantes da liberdade que o chamam. A charneca, quando muito, ficará a sua coutada de caçador. Assim deve ter acontecido com o nosso pai lusitano, que era um impávido e digno bandoleiro. O romano, que explorava a Ibéria, por nada deste mundo consentiria em deixá-lo nos montes donde lançava seus assaltos irresistíveis. Precisava dele na planície, aliás para lhe fazer os fretes de colonialista. Mas o lusitano, assim que pôde, e foi logo que o bárbaro do Norte abateu Roma, voltou ao seu ninho de gavião.

Aí, refincando as raízes, construiu a choupana que, encostada à choupana, deu lugar ao aldeamento de colmo ou telha vã, como por exemplo o povo do Sabugueiro na serra da Estrela, os lugares de Carapito ou de Cabaços, nas vizinhanças de Moimenta da Beira, e, evoluindo através dos séculos, ergueu ermidas, basílicas e claustros.

Seria ilusório explicar pela densidade populacional este regresso do homem aos píncaros desabridos. Tão-pouco ficaria sem resposta por que modo se agarrou às ravinas e aos cerros com a contumácia e o frenesim dum carvalho entre dois fragões. Na planta e no homem as raízes tateantes rebentarão a pedra para chegar ao húmus e não haverá depois ventania que os derrube. A segurança pessoal podia impor tais paradeiros? Quando regressou às eminências, já a depredação armada deixara de ser uma lei de constância social para se tornar esporádica como hoje. E, em matéria de alimentação, a planície era uma ucha farta comparada com a serrania famélica.

A meu ver, o homem subiu para os altos chamado pelo atavismo de montanhês. Claro que este atavismo não é nenhum cesto roto. Na serra o homem estaria sempre mais a coberto do beleguim, do homem da lei, do fidalgo, em suma da violência do forte e da extorsão do rico. O braço real pairava sobre a chã e mal chegava aos

cumes. Nas tributações e sempre que era preciso «fazer gente» a população da planície pagava caro o benefício geográfico.

O vale, local pela sua natureza propício à cilada, tornava-se o fojo dos escravos. Pelo contrário, até que o invasor ou o prepotente alcançasse as alturas, havia muitos passos a dar. Depois, os longes têm olhos. Forma-se com isso tudo a carta da independência. O instinto da liberdade, que condiciona aquela, terá amassado o barro em que talhou sua plástica este homem forro. Forro e imune a preconceitos e sentimentos de sujeição. Mais bruto, sim, mas ele, sempre ele, erecto e bem aprumado no solo como os seus robles.

Compreende-se que o homem que teve a madrigueira na montanha ame a montanha. Ela lhe é dilecta como um lar comum e o alicerce dá sua psique.

A montanha criou pois o rebelde crónico e o lobo sem coleira. Nada de tutelas. Vassallos os da planície, que se civilizaram mais depressa e se deixaram penetrar por influências sopradas de todos os quadrantes. Senão repare-se: enquanto o camponês do vale põe a sua gabardine ou trincheira, o serrano guarda a capucha. Aquele calça botifarras à prateleira, o serrano tamancos de encouras, ferrados de grossas brochas poliédricas. Um traz relógio no pulso, outro o cebolão com o pinto à dependura. Ainda se encontra também pelas falperras alpestres o velhote bem-falante e salomónico, ajoujado às vezes de suíças, umas suíças antediluvianas, grisalhas e nédias, sombreando o rosto como duas labças tropicais. Estava ontem no castrejo a dar o risco da casa exígua e redonda como uma vigia ao homem sedentário, do mesmo modo que séculos antes se encontrava no dólmen britando os ossos da rena para dar a medula à favorita, que lhe seguia os movimentos acocorada à sua beira.

Eis a sinopse da serra da Nave. Que espécie de bicho é o serrano?